

Inglêses sugerem programa convincente

Funaro viajou a Paris e conversa hoje com Balladur

JOSÉ CARLOS SANTANA
Nosso correspondente

LONDRES — Mesmo que o Brasil não vá ao Fundo Monetário Internacional e continue a rejeitar qualquer monitoramento da sua economia por este organismo internacional, terá que formular um programa de desenvolvimento econômico suficientemente convincente, se quiser contar com o apoio do governo britânico na sua luta para obter melhores condições de pagamento da sua enorme dívida externa.

Esta é a conclusão que se poderia tirar das declarações feitas ontem pelos porta-vozes do Ministério do Tesouro e do Banco da Inglaterra, no final da visita feita a Londres pelo ministro Dáson Funaro da Fazenda, como parte da cruzada que iniciou em Washington e que terminará no final desta semana, em Roma.

Funaro passou o domingo descansando na residência do embaixador brasileiro, onde ficou hospedado,

e ontem de manhã reiniciou sua jornada em busca da compreensão e do apoio dos governos das grandes potências industriais para as medidas tomadas pelo governo do presidente José Sarney em relação aos débitos do Brasil com os bancos privados internacionais.

Seu primeiro encontro foi com o ministro do Tesouro, Nigel Lawson, que o escutou e o interrogou por meia hora. O porta-voz do ministério disse muito pouco sobre os resultados da reunião. O governo de Margaret Thatcher, frisou, tem por norma não intervir nas atividades dos bancos privados, e, portanto, não pretende intervir nas negociações a serem realizadas entre o governo brasileiro e os banqueiros.

Naturalmente, como lembram observadores que acompanham há anos a evolução do problema da dívida dos países do Terceiro Mundo: "Essas são palavras oficiais. Há maneiras e maneiras de intervir, e no caso atual do Brasil tudo indica que

os governos vão ter um papel a desempenhar".

Os mesmos observadores ressaltam que a atitude tomada pelo governo brasileiro "é perfeitamente compreensível, sobretudo em um momento em que o País busca fortalecer a sua ainda frágil democracia e restaurar parte do poder aquisitivo retirado da população durante o regime militar". O Brasil, ainda na opinião deles, "é hoje importante demais para que os governos dos Estados Unidos e da Europa se deem ao luxo de ignorar seus problemas".

Depois do encontro com o ministro do Tesouro, Dáson Funaro foi almoçar na sede da agência do Banco Central do Brasil, na City, e ali conversou com jornalistas brasileiros, explicando pacientemente aspectos da economia brasileira, dos problemas com os bancos internacionais e dos planos governamentais. Sobre a decisão de conversar primeiro com os governos e, só depois, com os credores privados, o ministro da Fazen-

da comentou que os banqueiros são os mais interessados numa solução política para a dívida externa do Terceiro Mundo: "Eles não podem resolver nem têm condições de carregar toda a carga sozinhos. Desde 1982 que os bancos gostariam de jogar o problema para os governos, os governos para os bancos, e os dois juntos gostariam de jogar tudo para cima de mim".

Funaro, que já havia falado do assunto quando desembarcou em Londres, disse que gostou muito do artigo escrito por Anatole Kaletsky para o *Financial Times*, no qual ele dá a entender que o Brasil está correto ao buscar o envolvimento dos governos na questão da dívida externa.

Mas, e qual foi a reação do ministro do Tesouro britânico às medidas do governo brasileiro?

"Eu acho que ele entendeu muito bem o que estamos fazendo, compreendeu a tese brasileira e ficamos de conversar novamente na reunião

do Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional, daqui a um mês, e na qual, certamente, um dos pontos importantes será a discussão da dívida externa."

Haveria uma data já marcada para o início das negociações com os bancos?

"Não, ainda não há data marcada. Primeiro, eu quero ouvir uma resposta dos governos, e depois então vamos negociar com os bancos."

Depois do almoço, às três e meia da tarde, Funaro foi até o Foreign Office para uma visita "de cortesia" — como disse o porta-voz britânico — ao chanceler Geoffrey Howe. Foi uma visita realmente rápida, na qual, aparentemente, conversou-se muito pouco sobre a questão da dívida externa brasileira. No próximo dia 18 a ministra adjunta do Foreign Office para assuntos latino-americanos, baronesa Young, vai fazer uma visita de quatro dias ao Brasil.

Funaro encerrou o seu programa em Londres com uma conversa de mais de uma hora com o presidente do Banco da Inglaterra (correspondente ao Banco Central brasileiro), Leigh Pemberton. Em resumo, além de ouvir atentamente as explicações do ministro brasileiro, Pemberton teria feito ver a ele que o governo e os bancos britânicos estão à espera de um plano concreto de Brasília para a correção da economia do País, e que só então será possível discutir o que fazer.

O ministro da Fazenda teve pouco tempo para conversar com a imprensa — brasileira e estrangeira — no Aeroporto de Heathrow. Por volta das sete e meia da noite embarcou num avião da Air France para Paris, onde tem um encontro hoje com o seu colega francês, Edouard Balladur. De Paris, ele segue para Bonn. Da capital alemã ele vai para Berna e Zurique, na Suíça, e encerrará sua missão com uma visita a Roma.